

Medellín, 50 anos depois: uma Igreja "em saída"

Medellín, 50 years later: a "on the way" Church

Francilaide de Queiroz Ronsi
Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

A realização da II Conferência Geral do Episcopado da América Latina, na cidade de Medellín, marcou a história da Igreja latino-americana. Responsável pela atualização do Concílio Vaticano II para a América Latina, essa Conferência ousou ir um pouco mais longe. Ela retomou o desejo do Papa João XXIII, que queria uma "Igreja dos pobres", e vimos surgir uma Igreja encarnada na realidade de seu continente, a partir de uma nova ação pastoral e de um novo modo de fazer teologia. Hoje, com o Papa Francisco, vislumbramos o resgate do profetismo de uma tradição eclesial libertadora protagonizada pela América Latina. Para a nossa reflexão teremos, como auxílio bibliográfico, em especial, os documentos das Conferências Episcopais na América Latina e a Exortação Apostólica do Papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*. Queremos destacar que encontramos no pontificado de Francisco, fundamentada em uma nova experiência de ação evangelizadora, o convite para que tenhamos uma Igreja "em saída", um novo vigor para a retomada do profetismo e a ação libertadora na vida e na missão da Igreja na América Latina e, porque não, para o mundo.

Abstract

The Second General Conference of Latin America's Episcopate in the city of Medellín marked the history of the Latin American Church, which was responsible for updating the Second Vatican Council for Latin America. This Conference dared to go a little further. It returned to Pope John XXIII's desire, who wanted a "Church of the poor", and we saw a Church incarnate in the reality of its continent, starting with a new pastoral action and a new way of doing theology. Today, with Pope Francis, we glimpse the rescue of the prophetism of a liberating ecclesial tradition carried out by Latin America. For our reflection, we will have the documents of the Episcopal Conferences as a bibliographical aid in Latin America and the Apostolic Exhortation of Pope Francis to *Evangelii Gaudium*. We wish to emphasize that we find in the Pontificate of Francis, throughout a new experience of evangelizing action, the invitation for us to have a "on the way" Church, a new force for the resumption of prophetic and liberating action in the life and mission of the Church in Latin America and, why not, to the world.

Palavras-chave

Igreja.
Pobres.
Medellín.
Profetismo.

Keywords

Church.
Poor.
Medellín.
Prophecy.

Introdução

Celebrando os 50 anos da realização da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano¹, na cidade de Medellín, surpreende-nos a atualidade do seu texto final, em especial a necessidade de uma Igreja encarnada na realidade de seu continente. Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja retomou o sentido de sua ação, do seu diálogo com o mundo e procurou ressignificar o seu agir. Houve uma retomada de consciência das desigualdades sociais, da pobreza, e de que a "opção pelos pobres" tem sua raiz no coração do Evangelho.

Desse modo, Medellín carregou a esperança de que ocorreriam as atualizações, não apenas das intuições do Concílio, mas também da tomada de decisões para a Igreja no mundo, segundo o seu contexto latino-americano. Logo, a "opção pelos pobres" ganhou uma nova configuração, já que surgem uma Igreja e uma Teologia marcadas pela realidade do continente.

As demais Conferências Gerais Episcopais que aconteceram na América Latina confirmam a opção realizada em Medellín. Segue-se tendo como opção preferencial para a Igreja, a atenção para com os pobres, não apenas por causa da inquietação social, mas também pelo anúncio do Evangelho.

O caminho trilhado pela Igreja latino-americana encontra impulso e reforço no pontificado de Francisco. Um Papa latino-americano torna-se o porta-voz de uma Igreja que procurou manter-se alinhada ao seu contexto histórico. Francisco nos apresenta em sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* a necessidade de uma Igreja "em saída". Ele convoca toda a Igreja para o descentramento, para o fim da autorreferencialidade, pede para que esteja em constante saída, pronta para ir ao encontro de todas as pessoas, mas em especial dos mais pobres.

Por conseguinte, como veremos, celebrar Medellín é comemorar a renovação da esperança que o pontificado de Francisco trouxe para a Igreja, quando ele a conduz para o cumprimento do mandato missionário de Jesus, marcado pela impossibilidade de uma ação evangelizadora ser capaz de negligenciar os graves problemas sociais que atormentam várias populações.

¹ Rreferiremo-nos à II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada na cidade de Medellín, apenas como Medellín. Da mesma forma faremos com as demais Conferências do Episcopado Latino-Americano, citando-as pelo nome da cidade que a sediou.

Concílio Vaticano II: O sonho de uma "Igreja dos pobres"

Convocado pelo Papa João XXIII, em 1962, e finalizado por Paulo VI, em 1965, o Concílio foi uma retomada do sentido da ação da Igreja no seu diálogo com o mundo do pós-guerra, marcado por novos desafios que exigiam respostas novas. O objetivo principal do Concílio era a renovação interna da Igreja e, como consequência, a ressignificação do seu agir.

Aos bispos da Itália perguntava o Papa, no dia 06/12/1965: Findo o Concílio, volta tudo ao que era antes? As aparências e os hábitos responderão que sim; o espírito do Concílio responderá que não. Alguma coisa, e não pequena, deverá ser, também para nós - antes, sobretudo para nós - nova. As mudanças de tantas coisas exteriores? Sim, mas não é a estas que ora aludimos. Aludimos ao modo de considerar a Igreja, modo que o Concílio cumulou tanto de pensamentos, de temas teológicos, espirituais e práticos, de deveres e de confortos, a ponto de exigir de nós um novo fervor, um novo amor, como que um novo espírito" (COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II, 1979, p. 7).

Desta forma, o Concílio Vaticano II se mantém como um acontecimento de alegria e esperança para a Igreja. Foi inaugurada, com esse evento, uma nova fase na compreensão do caráter mundial da Igreja e de sua relação com o mundo. E sob a inspiração do Papa João XXIII foi restabelecido o apelo à colaboração de todas as pessoas de boa vontade, destacando a solidariedade para com os pobres e o direito à dignidade para todos os seres humanos.

Sua inspiração continua sempre presente e renovada, pelo fato de o Papa ter desejado unir a vida pastoral e a doutrina da Igreja, com base na inter-relação entre a vida e o pensamento cristão. O Concílio está situado na história da fé, inspirando o seu presente e o seu futuro. Na origem de toda a força que inspirou o Concílio está o Evangelho, que pretendeu conduzir os cristãos para o mundo e para a Revelação. Neste movimento está concentrada a cristologia do Vaticano II, mantendo Cristo no centro da vida e do pensamento cristão.

É importante dizer que não se trata de uma cristologia que permaneceria unicamente histórica ou abstrata, mas de uma cristologia marcada pela existência humana em toda sua concretude e profundidade. É desse modo que "só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem" (CONCÍLIO

VATICANO II, *Gaudium et Spes* (GS), 22). Tudo que é humano é acolhido e, em uma perspectiva escatológica, assumido.

Conseqüentemente, o movimento provocado pelo Concílio conduziu a Igreja a uma experiência de comunhão na atualização da sua doutrina e da sua vida de fé. Houve uma tomada de consciência da situação de pobreza e das desigualdades individuais e coletivas que assolavam várias populações ratificada pela *Gaudium et Spes*:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1).

Uma Igreja que se coloca à escuta do Evangelho não consegue descuidar do mundo e de cada pessoa. Ela faz ressoar, desde a sua essência, por meio de suas ações, o desejo de Vida e de Liberdade para todas as pessoas. Como nos diz Ferraro "como Jesus de Nazaré, a Igreja é convidada a fazer opção pelos pobres e a colocar-se junto dos pobres, sofrendo com os pobres, e combater a miséria que destrói a possibilidade da vida" (2017, p. 247).

Seguramente, a preocupação com os pobres não é novidade na vida da Igreja. Não surgiu com o Concílio Vaticano II, muito menos com a Teologia da Libertação. Como afirma Aquino Júnior (2014, p. 355-356), "a opção pelos pobres pertence ao coração do Evangelho do reinado de Deus e, enquanto tal, ela é constitutiva (e não meramente consecutiva e opcional!) da fé cristã". Essa realidade sempre fez parte do próprio existir da Igreja, da sua missão de propagar o Reino de Deus, por meio da justiça aos mais pobres e oprimidos.

Igreja dos pobres não significa [...] uma parte da Igreja que se dedica preferencialmente aos pobres, senão uma nota constitutiva e configurativa de toda a Igreja, de sorte que esta ou é dos pobres ou deixa de ser a Igreja verdadeira e santa querida por Deus. [...] Igreja dos pobres significa fundamentalmente a Igreja inteira de tal modo constituída e configurada que os pobres tenham nela o lugar preferencial que Jesus quis que tivessem. (ELLACURÍA, 2000, p. 189).

Assim sendo, a tentativa de recolocar "os pobres" no centro das ações da Igreja utilizando-se dos termos "opção pelos pobres", "Igreja dos pobres" ou "opção preferencial pelos pobres" foi retomada com todo vigor no Concílio Vaticano II. Em seu discurso, o Papa João XXIII, na véspera do início do Concílio, disse: "pensando

nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres" (JOÃO XXIII, 2001, p. 20-26), resgatando o que ele mesmo chamou de "ponto luminoso": a Igreja dos pobres. É certo que, "para ser continuadora da missão de Jesus de Nazaré, proclamado como Senhor e Cristo, a Igreja não pode se afastar da profecia de anunciar a libertação dos pobres" (FERRARO, 2017, p. 262).

Desta forma, com o Concílio Vaticano II e, especialmente, com as Conferências Episcopais Latino-Americanas, a importância da "opção pelos pobres" ganhou novas dimensões e novas configurações (cf. AQUINO, 2017, p. 53).

Conseqüentemente, Medellín foi pensada e articulada em vista de uma recepção e atualização do Concílio na América Latina. Assim, houve

a transposição da perspectiva do Concílio e de suas intuições ao contexto específico do continente latino-americano. Sem o Concílio, não teria existido Medellín, mas Medellín não teria sido Medellín sem o esforço corajoso de repensar o acontecimento conciliar a partir da realidade de pobreza e de injustiça que caracterizava a América Latina (PALÁCIO, 2000, p. 53).

Medellín: uma esperança

A ideia de que era preciso aplicar as intuições do Concílio Vaticano II à realidade da Igreja em cada continente foi sendo gestada e amadurecida pelos bispos, ainda durante o Concílio.

Para surpresa de todos, no discurso de 23 de novembro de 1965, celebrando o décimo aniversário do CELAM², o Papa, pela primeira vez, insinuou a realização da II Conferência, como meio de estabelecer um plano de pastoral para a implementação do Concílio no continente latino-americano. Até que, em 1966, a proposta para uma Conferência foi apresentada ao Papa, pela presidência do CELAM, que encontrou inspiração nos clamores e esperanças dos povos latino-americanos e nas intuições e processos iniciados pelo Concílio para toda a Igreja.

Acolhida a proposta pelo Papa, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano foi convocada pelo próprio Paulo VI, com o tema "A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II", com a intenção de

² CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano, fundado pelo Papa Pio XII, em 1955, a pedido dos bispos da América Latina.

realizar as suas propostas de renovação eclesial no contexto da realidade do continente latino-americano e de colocá-la em prática de modo criativo. O país escolhido foi a Colômbia, na cidade de Medellín. O ano em que a Conferência foi realizada, em 1968, situa esse evento no contexto histórico que marca as grandes renovações para toda a Igreja, pela proximidade do término do Concílio Vaticano II.

Na manhã do dia 22 de agosto de 1968, chega ao aeroporto de Bogotá, Colômbia, o Papa Paulo VI e pela primeira vez, o solo latino-americano é beijado por um pontífice. Ele veio participar da abertura de duas grandes experiências histórico-pastorais para a Igreja na América Latina: o XXXIX Congresso Eucarístico Internacional e a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

O continente passava por momentos bastante conturbados, em especial, porque vários países estavam sob o regime de ditaduras militares e sofriam com a pobreza que assolava grande parte de sua população. Nesse contexto, chega Paulo VI com uma mensagem em favor da vida e do desenvolvimento integral de todos os povos. Ele convida a Igreja latino-americana a permanecer atenta a todos os aspectos da vida das pessoas e dos povos, a integrá-los no desenvolvimento, sem esquecer a sua dimensão pessoal e comunitária. Trata-se do desenvolvimento fundado na realidade das pessoas e de seu povo. Defendendo a paz como obra da justiça social, ele afirma:

as mudanças bruscas e violentas das estruturas seriam falhas, ineficazes em si próprias, e certamente em desacordo com a dignidade do povo, a qual exige que as transformações necessárias se realizem de dentro, isto é, mediante uma conveniente tomada de consciência, uma adequada preparação e efetiva participação de todos (DISCURSO DE PAULO VI, 23 de agosto de 1968).

Na Catedral de Bogotá, onde se realizava o XXXIX Congresso Eucarístico Internacional, no dia 24, o Papa Paulo VI abre a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que teve continuidade em Medellín, até o dia 06 de setembro. Em seu discurso, ele retoma a sua fala do dia anterior, e confia aos bispos a missão de "favorecer todo honesto esforço para promover a renovação e a elevação dos pobres" e advertiu: "não podemos ser solidários com sistemas e estruturas que cobrem e favorecem graves e opressoras desigualdades entre as classes e os cidadãos de um mesmo país". Vislumbra-se na América Latina a esperança para um novo modo de ser e de agir da Igreja.

O compromisso de Medellín: a pobreza da Igreja como sinal de solidariedade com os que sofrem

Desejada pelo Papa João XXIII uma "Igreja para os pobres", e tendo sido pelo Concílio Vaticano II impulsionada, vamos encontrar no continente latino-americano uma ressonância muito importante e determinante para a sua realização. Dessa forma, reconhecendo não ser essa opção uma novidade para a Igreja, Medellín ganha o mérito por recolocar essa dimensão no centro de sua ação pastoral e de suas reflexões teológicas. Assim, desenvolve-se na América Latina com destino à Igreja Universal o que havia sido sinalizado no Concílio e que faz parte de sua essência evangélica.

Em Medellín,

encontramos uma Igreja samaritana e servidora, respeitadora da autonomia das realidades terrestres, livres das amarras temporais e conveniências sociais que indicam prestígio, para estar decididamente presente no processo de libertação integral sendo uma presença profética na realidade latino-americana e caribenha (FERRARO, 2017. p. 262).

Com base nessa constatação, identificamos como marcas identitárias para o continente latino-americano: a Opção pelos pobres, a Teologia de Libertação e as Comunidades de Base.

Antes de qualquer tomada de decisão, a própria Igreja foi chamada à pobreza evangélica, tendo em vista as denúncias de testemunhos que contradiziam a experiência cristã.

E chegam a nós as queixas de que a hierarquia, o clero, e os religiosos são ricos e aliados dos ricos. (...) Os grandes edifícios, as casas paroquiais e de religiosos, quando são de qualidade superior às do bairro em que vivem, os veículos, às vezes luxuosos, e a maneira de vestir herdada de outras épocas são fatores (que contribuem para criar a imagem de uma igreja hierárquica rica) (MEDELLÍN, pobreza, 2).

Desde antes da realização de Medellín, o Papa, por meio de suas encíclicas sociais, já provocava a Igreja na América Latina de forma comprometedor. No decorrer do próprio Concílio, surgiu um movimento, entre alguns padres conciliares, que procurava colocar os pobres como centro da ação evangelizadora da Igreja,

comprometendo-se a viverem como eles, espelhando-se no Evangelho e no seguimento de Jesus³.

Provocados por esse mesmo entusiasmo, os bispos, em Medellín, foram impulsionados a não se afastarem da mais dura realidade vivida por uma boa parte das populações da América Latina. Eles estavam certos de que não poderiam ficar indiferentes a essa realidade. Chegaram a afirmar: "A pobreza de tantos irmãos clama por justiça, solidariedade, testemunho, compromisso, esforço e superação para o cumprimento pleno da missão salvífica confiada por Cristo" (MEDELLÍN, Pobreza e Igreja, 7).

É certo que, ainda que a pobreza tenha aspectos sociais e econômicos, é uma situação humana global. Os pobres são todos aqueles que, por diversas razões, vêm seus direitos violados e impossibilitados de realizarem-se humanamente. Essa constatação interpela a Igreja em sua missão, que deve acolher essa realidade como contrária à vontade de Deus, e a redefinir sua ação, porquanto essa opção é também

teocêntrica (Ex 3,7-10; 20,2), cristocêntrica (Mt 9, 35-36; 11,25-26), pneumatocêntrica, a partir da Sequência da missa de Pentecostes, quando o Espírito é chamado de *Pater Pauperum*, como também é uma opção mariológica (cf. 1,46-56), uma opção das primeiras comunidades cristãs (FERRARO, 2017, p. 255).

Por isso, lhe foi proposta a "pobreza como um compromisso voluntário e por amor a condição dos necessitados deste mundo" (MEDELLÍN, pobreza, 4), para "compartilharem a sorte dos pobres, vivendo com eles e trabalhando com suas mãos" (MEDELLÍN, pobreza, 15). Diretamente aos religiosos é lembrada a necessidade de "atender, educar, evangelizar e promover, sobretudo, as classes sociais marginalizadas" (MEDELLÍN, Formação do clero, 13). Por conseguinte, o compromisso com os pobres nasce de uma Igreja solidária com quem sofre, e no reconhecimento da pessoa do pobre como "sujeito", não apenas como alguém que precisa de atenção.

Para essa experiência, temos a contribuição do método por Medellín utilizado, pelo qual a realidade assumia um "lugar teológico" para pensar a ação de Deus. Esse método, herdado da Ação Católica (que tinha como itinerário: ver, julgar e agir), passou a caracterizar a teologia latino-americana. Aprimora-se, assim, um novo

³No dia 16/11/1965, em Roma, cerca de 42 padres conciliares celebraram a Eucaristia, nas catatumbas de Santa Domitila, e assinaram o "pacto das catatumbas" que, posteriormente, foi assumido por mais de 500 bispos. Cf. In: KLOPPENBURG, Boaventura (org). Concílio Vaticano II. Vol. V. Quarta sessão. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 526-528.

modo de fazer teologia, com uma reflexão que parte da realidade histórica das populações da América Latina.

Firmam-se, deste modo, as raízes da 'Teologia da Libertação', em harmonia com a busca pela libertação presente no desejo de tirar da miséria as populações pobres do continente. Mesmo encontrando destaque na dimensão social, essa libertação não estava dissociada de uma integralidade maior entre a libertação pessoal e a espiritual. Essa integração definia a centralidade presente em Medellín, segundo a relação entre fé e vida.

Por isso, encontramos grande acolhida às experiências que já estavam presentes na Igreja da América Latina, as conhecidas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Essas Comunidades tinham a sua origem na "opção pelos pobres" e na colaboração da Teologia da Libertação. Em seu texto conclusivo, sobre a renovação de estruturas pastorais, Medellín afirma:

A vivência da comunhão a que foi chamado, o cristão deve encontrá-la na "comunidade de base", ou seja, em uma comunidade local ou ambiental, que corresponda à realidade de um grupo homogêneo e que tenha uma dimensão tal que permita a convivência pessoal fraterna entre seus membros. [...] A comunidade cristã de base é, assim, o primeiro e fundamental núcleo eclesial (MEDELLÍN, Orientações pastorais, 10).

Essa experiência torna-se um fator especial para a promoção humana. Desde as "Comunidades Cristãs de Base" (como serão chamadas), a paróquia passa a viver uma nova realidade quando permite "descentralizar sua Pastoral", possibilitando "um conjunto pastoral vivificador e unificador das comunidades de base" (MEDELLÍN, Orientações pastorais, 13).

Conseqüentemente, não nos surpreende considerar Medellín um grande Pentecostes para a Igreja latino-americana. Dele surge uma nova presença da Igreja no continente, marcada pela sintonia com a realidade do seu povo, agindo de forma corajosa e profética contra toda forma de injustiça, exclusão e exploração.

Na América Latina, a Igreja adquire uma forte maturidade eclesial, por assumir abertamente, sem subterfúgios, a realidade histórica em que se encontram os seus povos, permanecendo em comunhão com a Igreja universal. No discurso final de Medellín, o cardeal Landázuri diz:

Há algo muito característico nos projetos que fizemos durante estes dias e que desejo ressaltar. É isto: nós enfrentamos nossos problemas. Há uma servidão que não é comunhão. Há uma dependência

psicológica e sociológica, que não corresponde à íntima união do Corpo do Senhor. Encarar nossos problemas exige maturidade. É uma maneira privilegiada de expressar a colegialidade episcopal e a comunhão com toda a Igreja [...] Tentamos procurar soluções no interior de nossas realidades e possibilidades; isso permitirá à Igreja universal, como em outras etapas históricas, enriquecer-se com novas formas eclesiais e pastorais (CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN, 2010, p. 251, nota 25).

Por conseguinte, em Medellín, vimos nascer uma reflexão cristã e teológica, em que a Igreja da América Latina deixa de ser um reflexo da Igreja europeia para ser, segundo Maria Clara Bingemer, "fonte de um novo modelo eclesial" (CONGRESSO DE MEDELLÍN, em 23 a 26 de agosto de 2018).

A Igreja latino-americana assume, em sua missão, uma nova forma para interpretar a realidade, não somente com base na inquietação social, mas também quanto ao anúncio do Evangelho. Isso porque, segundo Aquino Júnior, ela assumiu "de modo consequente, tanto do ponto de vista teológico quanto do ponto de vista pastoral, esse aspecto 'essencial e primordial' da revelação cristã que é a centralidade dos pobres e oprimidos na história da salvação" (2017, p. 60).

Não é possível desconhecer a atualidade que alcançou Medellín, para toda a Igreja na América Latina e, por que não dizer, para o mundo. Ela conseguiu, por meio de um espírito de renovação, ler e entender a sua história à luz da fé, procurando interpretar os sinais dos tempos. Ela soube, por isso, colocar a Igreja, mistério de comunhão, em diálogo com o mundo, apoiado por um forte impulso pastoral e pelo compromisso em virtude de uma autêntica e permanente promoção humana.

Outras Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe

Seguindo as intuições de Medellín, a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, reunida em Puebla (1979), assume os termos "opção preferencial pelos pobres", "amor aos pobres", "opção evangélica, universal, piedosa", para a ação da Igreja no continente. As reflexões assumem o significado bíblico para o termo "pobre", *anawin*: o curvado, o oprimido, com forte conotação político-social. "Não se trata, pois do simples necessitado, mas do oprimido, do explorado. Não designa apenas o indivíduo, mas a classe social explorada, a raça marginalizada, o grupo oprimido" (LOURENÇO, 2017, p. 329).

Segundo o documento final de Puebla, esta situação de pobreza adquire, na vida real, realidades bem concretas: crianças marcadas por doenças mentais e corporais; crianças abandonadas e, muitas vezes, exploradas; jovens desorientados e frustrados; indígenas e afro-americanos; camponeses sem terra; operários mal remunerados, subempregados e desempregados; marginalizados; anciãos postos à margem da sociedade; mulheres e o imigrante (PUEBLA, 31-39).

Compartilhamos com nosso povo de outras angústias que brotam da falta de respeito à sua dignidade de ser humano, imagem e semelhança do Criador e a seus direitos inalienáveis de filhos de Deus. Países como os nossos, onde com frequência não se respeitam os direitos humanos fundamentais - vida, saúde, educação, moradia, trabalho -, acham-se em situação de permanente violação da dignidade da pessoa humana (PUEBLA, 40-41).

Trata-se não apenas da pobreza evangélica, mas da pobreza antievangélica, sinônimo da exploração, da opressão, de situação desumana, de dimensão sociopolítica generalizada e estrutural.

Seguindo as reflexões de Medellín e Puebla, a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Santo Domingo (1992), continuou a falar em "opção preferencial pelos pobres", manifestada no amor ao próximo, em uma decisão não exclusiva e nem excludente, assim como a mensagem de salvação é destinada a todos, dos mais sensíveis aos mais vulneráveis. Para Santo Domingo, esta escolha tem a Palavra de Deus como seu alicerce, por causa desta compreensão identificamos sua sustentação e solidificação na função profética da Igreja, no anúncio do Reino de Deus e na sua Justiça. Fundamentalmente no Evangelho e em sua Doutrina Social, a Igreja encontra a base e o estímulo autêntico para a sua "opção preferencial pelos pobres", de modo claro e de forma concreta.

Em Santo Domingo, reafirma-se essa escolha diante do empobrecimento e do distanciamento entre ricos e pobres, e do chamado à missão quando diz que evangelizar é fazer o que Jesus Cristo fez. Esta é a fundamentação que compromete os cristãos numa opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, quando se descobre nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) que os desafia a uma profunda conversão pessoal e eclesial (cf. SANTO DOMINGO 199, 178, 179).

Desta forma afirmam:

Comove-nos até as entranhas ver continuamente a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria, assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irrepetíveis que veem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida (SANTO DOMINGO, 179).

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida (2007), reafirma a opção realizada pelas demais Conferências. Ela apresenta a mesma preocupação com os pobres e excluídos do continente. O documento final de Aparecida destaca a necessidade de que o compromisso evangelizador e missionário entre os mais pobres e afastados seja a expressão visível da opção preferencial pelos pobres, “procurando, a partir dos pobres, a mudança de sua situação, pois eles são sujeitos da evangelização e da promoção humana integral” (APARECIDA, 399).

Por isso, preocupados com a dignidade humana, com o sofrimento de milhões de habitantes impedidos de viverem dignamente, o documento reforça:

Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. Nossa fé proclama que “Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem”. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”. Essa opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão (cf. Hb 2,11-12). Opção, no entanto, não exclusiva, nem excludente (APARECIDA, 391-392).

Em um continente marcado por grandes desigualdades e injustiças sociais, as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe assumiram a proposta de uma ação evangelizadora atenta à realidade em que vivem suas populações. Desta forma, acolheram a proposta de renovação anunciada no Concílio Vaticano II, em uma opção clara e profética pelos pobres.

Um Papa latino-americano

É possível encontrar no primeiro Papa latino-americano a identidade de um continente ricamente plural, comprometido com a defesa dos mais pobres e marcado por uma espiritualidade encarnada na história. Oriundo de um continente onde a

Igreja é chamada a promover a realização da pessoa baseado no desenvolvimento integral, considerando a sua realidade dentro da história, seu pontificado é uma continuidade à mesma opção comprometida com os pobres que teve Medellín.

Francisco vive seu pontificado completamente alinhado às realidades concretas, o que significa dizer que seu pensamento e seus escritos renovam-se com base no seu contexto histórico, sempre na tentativa de responder aos problemas atuais.

Consequentemente, desse seu posicionamento é possível identificarmos os temas que permeiam o seu pontificado: a evangelização segundo uma renovada alegria, convidando a Igreja para manter-se "em saída"; a busca por fundamentar os seus discursos alicerçados na experiência de encontro com Jesus, na volta às fontes, às Escrituras e ao Concílio Vaticano II; a misericórdia e o pobre com toda a sua realidade. Todos esses temas provocam a sua ação e estão articulados na experiência com o Cristo encarnado.

Em sua primeira Exortação Apostólica (2013) intitulada *Evangelii Gaudium* (EG) com o tema a Igreja "em saída", revela o caminho por onde a Igreja deve seguir: para fora de si mesma, ir em direção de suas origens, dos mais fragilizados, os excluídos. Uma Igreja missionária em permanente saída de si é provocada a afastar-se de uma atitude de autorreferência, para ir ao encontro dos demais, especialmente dos pobres. Francisco sonha "com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionando mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação" (EG, 27).

Desse modo, para todos os discursos, escritos e sonhos para a Igreja, Francisco tem como fonte o Evangelho, no desejo de retornar ao carisma fundante da Igreja, ou seja, voltar a Jesus Cristo. Porque é em Jesus que se renova todas as coisas, sua morte e ressurreição permitem ao cristão rever suas posturas e a buscar a conversão. Assim, segundo o Papa, "a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais" (EG, 264).

Quem faz essa experiência é impelido a sair de si para ir ao encontro dos demais. Essa é uma atitude de misericórdia, princípio, caminho e meta para o cristão. A misericórdia está no coração do Evangelho, como dom de Deus. Essa

atitude atravessa todo o pensamento e ação do Papa; nela estão, de modo indissociável, a relação Deus e o ser humano, a espiritualidade e o pensamento social, a Igreja e o mundo, a doutrina e o discernimento. A misericórdia é a experiência central da economia salvífica, é a razão de ser da Igreja.

Por conseguinte, a opção pelos pobres não é simplesmente uma opção social ou política, é uma questão de fé: "há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres" (EG 48). Jesus se fez pobre com os pobres, dessa verdade deriva a fé e a ação dos cristãos. "No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo 'Se fez pobre' (2Cor 8,9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalada pelos pobres" (EG, 197). Francisco aponta a origem estrutural da pobreza, e denuncia:

Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum (EG 202).

Essa afirmativa tem sua razão de ser por causa de um sistema tecnocrático que atinge todos os continentes, privilegiando o lucro abusivo e o consumismo desenfreado. A superação desse sistema será por outro capaz de garantir a vida para todo o planeta e dignidade para o pobre. Para esse movimento de transformação, todos os cristãos são chamados a ser "instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar plenamente a sociedade" (EG, 187).

Sem a opção preferencial pelos pobres, o 'anúncio do Evangelho - e este anúncio é a primeira caridade - corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta' (EG199).

O coração do Evangelho conduz ao coração do outro (EG, 150). Torna-se necessária a escuta atenta e acolhedora do clamor que vem dos pobres, "a Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, *escuta o clamor pela justiça* e deseja responder com todas as suas forças' [...] Dessa forma a solidariedade supõe a criação de uma nova mentalidade" (EG, 188).

Francisco, em sua Exortação, percorrendo alguns textos da Escritura, persiste em afirmar que desde o "coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana" (EG, 178) e nele encontramos a

centralidade do pobre na ação evangelizadora, porque "os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho" (EG, 48). A Igreja, em sua missão evangelizadora, não pode ficar surda diante do clamor dos pobres "ela reconheceu que a exigência de ouvir este clamor deriva da própria obra libertadora da graça" (EG, 188).

No agir de Francisco, diante do compromisso com os pobres, destacam-se: a proximidade física, por isso uma escuta acolhedora e a urgência no socorro, "ficar surdo a este clamor [...] coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto" (EG, 187); atenção e cuidado espiritual, "a opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária (EG 200); a promoção de uma cultura da solidariedade (EG 189); o reconhecimento e enfrentamento das causas estruturais da pobreza e da injustiça social "a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça" (EG, 184).

A preocupação do Papa Francisco com os mais pobres, miseráveis e excluídos está no centro de suas orientações pastorais, adquirindo a marca evangélica mais forte no seu pontificado. No seu sonho de um "Igreja pobre e para o pobres", ele deseja que ela seja pobre no seu jeito de ser, solidária e comprometida com a justiça e a paz.

A Igreja "em saída": Celebrando Medellín

Na sua primeira Exortação Apóstolica, o Papa Francisco deixa muito clara a opção preferencial da Igreja pelos pobres. Ele afirma serem os pobres, os excluídos da sociedade, os primeiros destinados à Igreja "em saída".

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus 'manifesta a sua misericórdia antes de mais' a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem 'os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus' (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma 'forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja'.

E destaca:

Como ensinava Bento XVI, esta opção 'está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza'. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres (EG, 198).

Do sonho do Papa João XXIII de "uma Igreja dos pobres", encontramos em Francisco o "desejo de uma Igreja pobre para os pobres", dando continuidade à intenção embrionária para a realização do Concílio Vaticano II, ele convoca a Igreja para que se mantenha "em saída". E insiste para que as igrejas particulares reassumam, no que foi pretendido pelo Concílio, seu protagonismo e responsabilidades nas questões mais importantes do mundo de hoje e da Igreja.

Por causa de uma opção evangélica, de uma fé cristológica, Francisco convida a Igreja a uma nova prática evangelizadora. Ele deseja um Igreja capaz de sentir com quem sofre, com quem se alegra, com quem tem fome, com quem vive nas periferias pobres das cidades, com quem teve que deixar o seu país à procura de melhores oportunidades, com quem não tem acesso aos serviços básicos, com os indígenas e com as mais diversas comunidades não ouvidas e esquecidas.

Aqui estão em evidência as atuais periferias geográficas, físicas e existenciais que provocam uma atitude de misericórdia e de compaixão dos cristãos. Ele afirma:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças (EG, 49).

A periferia é o centro da Igreja, de sua ação, de sua missão evangelizadora. As condições precárias em que vive grande parte da população mundial, por causa da imensa desigualdade social, gerada pela injustiça, são responsáveis pela manutenção da pobreza nos mais diversos contextos do continente. Segundo ele,

enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigar a violência. [...] Quando a sociedade - local, nacional ou mundial - abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade (EG, 59).

Dessa forma, fica evidente para a experiência cristã que a salvação tem uma dimensão social. É no coração do Evangelho que se encontra a relação muito próxima entre evangelização e promoção humana. Essa experiência provoca uma transformação na ação missionária da Igreja, porque essa atitude não separa o Evangelho da vida das pessoas e não esquece que a "desigualdade é a origem dos males sociais" (EG, 202).

Francisco critica fortemente todas as tentativas de relativizar e de enfraquecer a opção pelos pobres:

É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar. A reflexão da Igreja sobre estes textos não deveria ofuscar nem enfraquecer o seu sentido exortativo, mas antes ajudar a assumi-los com coragem e ardor. Para que complicar o que é tão simples? As elaborações conceituais não-de favorecer o contato com a realidade que pretendem explicar, e não afastar-nos dela. Isto vale sobretudo para as exortações bíblicas que convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre (EG, 194).

Os cristãos, orientados para uma ação transformadora, tornam-se um sinal de esperança em meio ao caos instaurado, por meio de suas ações libertadoras e salvíficas. "Se há um sinal que nunca deve faltar" entre nós é "a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora" (EG 195).

Assim, da mesma forma que Francisco chama a atenção para que os cristãos saiam para anunciar o Evangelho, ele os desafia a se deixarem evangelizar pelos pobres e aprender com eles a reconhecer a força salvífica das suas vidas (EG, 198). Segundo o Papa, a Igreja deve sempre estar em atitude de saída, sem no entanto, deixar de refletir sobre a sua ação:

A Igreja 'em saída' é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade (EG, 46).

Em Medellín, a Igreja na América Latina foi convocada a levantar a sua voz profética e a transformar a sua história no continente. A partir dessa convocação, o pontificado de Francisco reassume o desafio de dar a essa Igreja um rosto de esperança e alegria, a capacidade para contemplar a realidade com os olhos de Deus, a compaixão e a misericórdia em sua ação evangelizadora.

O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. Assim, não nos deveriam

surpreender frases de São Paulo como estas: 'O amor de Cristo nos absorve completamente' (2 Cor 5, 14); 'ai de mim, se eu não evangelizar!' (1 Cor 9, 16) (EG, 9).

Trata-se, portanto, de um modo de evangelizar fundamentado na experiência de encontro com alguém que transforma a sua própria vida, como disse Bento XVI, em sua primeira encíclica *Deus caritas est* (DCE): "ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo" (DCE 1).

Somente graças a este encontro - ou reencontro - com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora (EG, 8).

Francisco chama a atenção para a necessidade de uma experiência de encontro com Deus, que seja capaz de livrar a pessoa e a Igreja do isolamento e da sua autorreferencialidade. Esse modo de evangelizar é um sinal de renovação e de transformação no modo de proceder da Igreja para todo o mundo e, em especial, para a América Latina, quando encarna nessa experiência a realidade do próprio continente, resgatando o projeto de Jesus para as circunstâncias próprias das populações latino-americanas.

Conseqüentemente, Igreja na América Latina, adquire uma fisionomia própria quando assume o compromisso por uma sociedade mais justa e solidária e, atenta aos sinais dos tempos, a sua ação evangelizadora transforma-se em um processo integral de mudança e a salvação em uma experiência de libertação. Segundo Francisco, não lhe convém substituir os episcopados locais no discernimento da sua realidade específica, ele fala de uma "salutar descentralização" (EG 16), apoiado no retorno ao manancial da experiência cristã, buscando uma atualização constante diante dos desafios.

Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre 'nova' (EG, 11).

Para o mais antigo de todos os problemas humanos, a pobreza, encontramos em Francisco um novo modo de proceder para a evangelização. Ele entende que o combate à injustiça social pertence ao que é mais genuíno à fé, por isso a Igreja "em saída" é uma exigência evangélica. São os pobres que se encontram nas periferias existenciais que provocam uma nova ação evangelizadora na Igreja, comprometida com a promoção do homem, por meios da justiça e da paz.

Diante do pontificado de Francisco, não nos é difícil encontrar os frutos de Medellín, como sinais de renovação no agir da Igreja na América Latina e no mundo, por haver conseguido romper fronteiras e influenciado outros continentes. Francisco, quando convoca a Igreja, no mundo, a tomar a iniciativa e sair ao encontro de quem está afastado e "chegar às encruzilhadas dos caminhos e convidar os excluídos", porque se vive a experiência do amor misericordioso de Deus, ele deseja uma Igreja que se envolva com as dores e as alegrias de todos, de tal modo que "os evangelizadores contraem assim o 'cheiro das ovelhas'" (EG 24).

Dessa forma, a Igreja é profecia do Reino de Deus, é testemunha da sua misericórdia, e por isso,

não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima: hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho. [...] Há que afirmar, sem rodeios, que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!" (EG, 48).

No meio da crise econômica que aflige inúmeras populações, o Papa afirma: "assim como o mandamento "não matar" põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer não a uma economia da exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata" (EG, 53). Ele, então propõe "uma vigorosa mudança de atitudes por parte dos dirigentes políticos" e exorta "a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano". E por fim, convoca a todos dizendo que essa é uma tarefa que "ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. [...] Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social" (EG, 201).

Retomando Medellín, onde a Igreja latino-americana tornou-se mais consciente de sua missão para o serviço dos pobres, dos oprimidos e dos marginalizados, entendemos que não seja possível uma transformação das estruturas

sociais sem que sejam transformadas as mentalidades, como afirma Francisco: "uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes" (EG 189). Faz-se necessário "tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos" (EG, 188).

Eis o desafio, não só para a Igreja na América Latina e Caribe, mas para todos os continentes, quando se deseja uma ação missionária capaz de promover integralmente todas as pessoas.

Consideração final

Depois de 50 anos de Medellín, somos continuamente atingidos e provocados pelo mesmo Espírito, que impulsionou com ânimo, ousadia e fé a Igreja latino-americana. É certo que o que se buscou na América Latina para a missão da Igreja, hoje, é uma provocação para toda a Igreja.

Dessa forma, celebrando as cinco décadas da realização de Medellín, celebra-se também a renovação da esperança e da coragem para a Igreja: esperança para que na América Latina e no mundo, a Igreja se reconheça no que foi sonhado por João XXIII; e coragem para que possa viver o profetismo de uma tradição eclesial libertadora. Celebra-se essa renovação não somente por esses motivos, mas, em especial, por desejar retomar para o centro da missão da Igreja o que sempre esteve no centro da vida e da missão de Jesus Cristo.

Por fim, mas não dando por concluídas todas as possibilidades de avanços, acreditamos que, fundamentada em uma Igreja "em saída", na obediência ao mandato missionário de Jesus, talvez tenhamos toda a comunidade de cristãos vivendo em um movimento de conversão pessoal e eclesial. E que se estabeleça uma relação entre prática pastoral e ação transformadora no mundo, sob a perspectiva de uma nova evangelização. Porque torna-se cada vez mais clara a impossibilidade de uma ação evangelizadora que não esteja atenta aos graves problemas sociais que atingem inúmeras populações no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo.

Referências

AQUINO JÚNIOR, F. de. “Uma Igreja pobre e para os pobres”. *Convergência*49 (2014), p.349-364.

AQUINO JÚNIOR, F. de. *Igreja dos pobres*. Do Vaticano II a Medellín e aos dias atuais. REB, v. 288, ano 2012. p. 807-830.

AQUINO JÚNIOR, F. de. *Nas periferias do mundo: fé, Igreja, sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2017.

CELAM. *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1987.

CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CELAM. *Documento de Puebla: conclusões da Conferência de Puebla – Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1986.

CELAM. *Santo Domingo: conclusões da IV Conferência do Episcopado Latinoamericano*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN. *Trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 2010.

CONSTITUIÇÃO *GAUDIUM ET SPES*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. São Paulo: Paulus, 2001.

DISCURSO DE PAULO VI, em Bogotá, na Celebração Eucarística do Dia do Desenvolvimento, 23 de agosto de 1968 In: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1968/documents/hf_p-vi_hom_19680823.html.

ELLACURÍA, I. “Pobres”. In: *Escritos Teológicos II*. San Salvador: UCA, 2000. p. 171-192.

FERRARO, Benedito. Pobreza da Igreja. In: MANOEL G.; AQUINO J. (org). *50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho*. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 246-266.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO XXIII, Papa. "Mensagem radiofônica a todos os fieis católicos, a um mês da abertura do Concílio". In: *Concílio Vaticano II. Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulus, 2001.

KLOPPENBURG, Boaventura (org). *Concílio Vaticano II*. Vol. V. Quarta sessão. Petrópolis: Vozes, 1996.

LOURENÇO, Vitor Hugo. *Revista Cultura Teológica*, ano XXV, n. 89, 2017.

PALÁCIO, C. “Trinta anos de teologia na América Latina: um depoimento”. In: SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 51-64.

PAULO VI, Papa. *A evangelização no mundo contemporâneo: Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Loyola, 1976.

Trabalho submetido em 17/09/2018.

Aceito em 19/11/2018.

Francilaide de Queiroz Ronsi

Doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014). Pós-Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2016). Atualmente é professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, na graduação em Teologia e na pós-graduação em Ciências da Religião; professora e coordenadora de Ensino Religioso, no Ensino Médio - Colégio Teresiano - Colégio de Aplicação da PUC-Rio. E-mail: francilaideronsi@hotmail.com